

# Falando Sozinha



Toni Brandão

ilustrações Carla Irusta



**edelbra**



# Falando Sozinha

1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Carla Irusta

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Renato Deitos e Press Revisão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B819f Brandão, Toni, 1960-

Falando sozinha / Toni Brandão ; ilustrações

Carla Irusta. - 1. ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2015.

104p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-66470-84-0

I. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Irusta, Carla.

II. Título.

15-21583

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2015

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida  
ou copiada, por qualquer meio,  
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



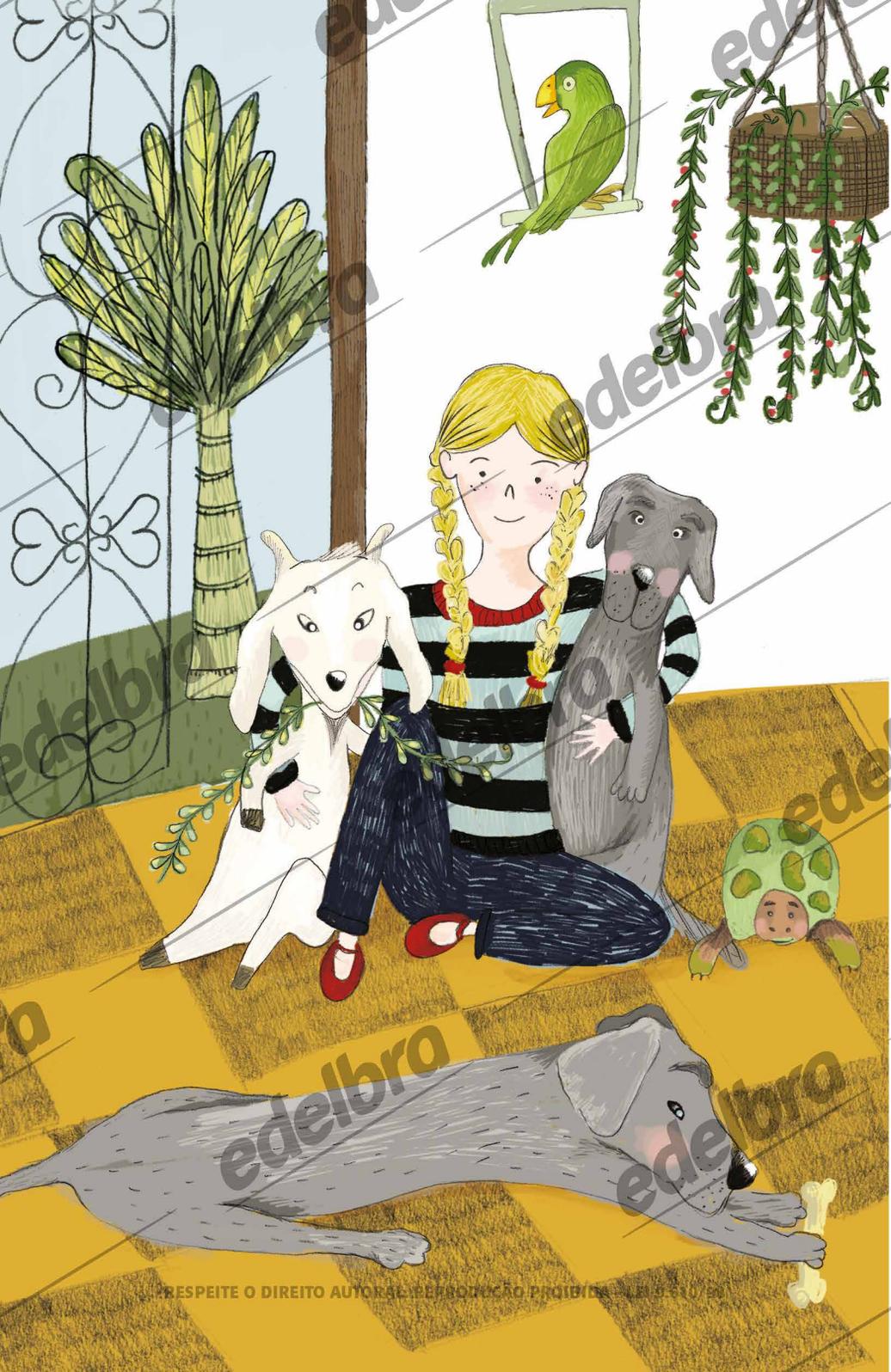
Toni Brandão

# Falando Sozinha

ilustrações  
Carla Irusta



**edelbra**



# Capítulo 1

**Isósceles Pallidos**

**Para:** Escaleno@familiapallidos.com.br;

Equilatero@familiapallidos.com.br;

**Assunto:** sem assunto



Oi, irmãos. Tudo bem aí no Rio?

Como vai nosso pai? Como vai a mãe de vocês?

Aqui em São Paulo tá tudo legal. E são cinco e quinze da tarde. Na Espanha, são dez e quinze da noite. E, em Tóquio, cinco e quinze da manhã. Essa é a hora que eu escolhi para começar nossa correspondência.

Achei melhor escrever do que falar por computador. Vocês leem na hora que puderem, ninguém me interrompe... calma! não tô dizendo que vocês me interrompem! Se bem que vocês me interrompem, sim... não vamos começar brigando, vai... eu gosto de falar... Quando o papai diz “vocês falam muito”, ele está falando principalmente de mim. Eu sei que ele acha que eu falo muito. Eu também acho. E é verdade. Mas a maioria das coisas que eu falo, todo mundo acha legal de ouvir. E elas me fazem pensar em outras coisas. Que me fazem pensar em outras coisas. E aí não para... por isso,

escrever talvez seja mais legal, neste momento. Eu só vou chamar pelo computador ou telefonar em último caso. Aliás, eu deveria telefonar. Um dos assuntos desta carta é uma espécie de último caso.

Este mês eu tenho que ser uma superfilha, e é bom vocês capricharem e tratarem de ser também superfilhos, porque o dia em que o papai vir a conta do veterinário... tchau, chiclete de melancia. Tchau, cartuchos de videogame. E tchau o resto de coisas que a gente gosta de fazer com as nossas mesadas.

Este mês, todos os bichos ficaram doentes. E minha mãe disse que ela não vai pagar a conta do veterinário. Que só eu que cuido dos bichos e tudo. Eu sei que ela não acha exatamente isso. É que ela estava nervosa na hora em que nós conversamos.

Querem saber por que a conta vai ser alta?

Aqui vai:

**Primeiro.** O Paulo e a Paula tiveram dor de barriga e ficaram um tempão fazendo cocô mole. E fedido. Eles passaram três dias internados na clínica veterinária. Foi uma parvovirose. Um tipo de diarreia que os cachorros têm até mesmo se estiverem vacinados. Se não fossem socorridos a tempo, poderiam até morrer.

**Segundo.** Quando eles estavam quase sarando, foi a vez do Marajó. Ele teve mais uma das suas crises de papagaio incompreendido. Dessa

vez foi demais. Ele chorava. Gritava que ninguém gostava dele. E pulou do poleiro mais ou menos da altura de uma porta. Ele se esborrachou. Tivemos que levar o Marajó para um pronto-socorro de bichos. Ele quebrou a asa esquerda, mas teve que enfaixar as duas, para não perder o equilíbrio. Até tirou uma radiografia.

Eu nunca tinha visto um papagaio por dentro. Eles são bem complicados. Estou até pensando em fazer um pôster e pendurar no meu quarto. Acho que vai ficar legal.

**Terceiro.** Aí foi a vez da Meia-Lua. Ela se engasgou. A veterinária disse que a gente tem que ter cuidado com as coisas que dá para as tartarugas comerem. Elas podem se engasgar até com pão, dependendo do tamanho. A Meia-Lua se engasgou com um caroço de azeitona. Não sei onde ela foi achar. Coitada, ela até chorou. Com lágrimas e tudo. Deve ter ficado com medo de nunca mais conseguir se desengasgar. Ela não conseguia nem respirar. E lá fomos nós, eu e minha mãe, outra vez para o veterinário. E isso foi à noite. Vocês sabem: as consultas, à noite, são muito mais caras. Inclusive a radiografia que ela também teve que fazer para a veterinária saber onde estava o caroço da azeitona.

Só quem não teve nenhum problema foi o nosso filhote de bode. Ainda bem, porque ele já é um problema. E cada vez maior. Minha mãe disse que

ele está crescendo muito para morar aqui em casa. Que a casa é grande e tudo, mas que um bode já é demais. Ela nem estava nervosa quando disse isso. Estava certa.

Este mês minha mãe tirou nota dez na prova de ser mãe. Ela foi superlegal. Todos os dias, quando chegava do trabalho, tinha uma notícia ruim sobre os bichos.

A gente ainda nem deu um nome para o bode, né? Ele continua pensando que é filhote do Paulo e da Paula. Ele tenta correr igual a eles. Tenta levantar a pata traseira do lado direito para fazer xixi, igual o Paulo faz. Ele agora está tentando aprender a latir. Vocês já ouviram algum filhote de bode tentar latir igual a um cachorro weimaraner? Sai um som muito feio.

Isso tudo que aconteceu, fora as coisas do bode, custou muito caro. Mais que as nossas três mesadas juntas. Mais até que os nossos três colégios juntos. Acho que este mês...

O que que a gente faz com o bode? Eu não tenho coragem de deixar ele ir embora. Tenho que dar ele para alguém, mas ninguém quer. Bem que poderia existir um tipo de orfanato para bodes e outros bichos que fossem abandonados.

Mudando um pouco de assunto: eu ia ligar quarta-feira passada para saber como foi a feira de ciências do colégio de vocês. Mas eu já tinha visto a conta do veterinário e achei melhor deixar pra lá.

Depois, vocês me contam se conseguiram acabar de inventar o tocador de música movido a energia solar.

Enquanto eu voltava para São Paulo e da janela do avião via o Sol bem pertinho, fiquei pensando se daria para transformar tocador de música a bateria em tocador de música movido a energia solar. Se era só colocar uma daquelas plaquinhas que captam a energia solar naquele aro que segura os fones de ouvido e pronto. Mas e os fios? Pensei até em perguntar para o meu professor de ciências. Mas não perguntei. Ele tem toda a cara de quem gosta de roubar ideias solares de alunos espertos.

Será que nós nunca vamos estudar na mesma escola? Já pensou, estudar juntos para provas diferentes? Eu emprestaria meus livros dos outros anos para vocês. Poderia até levar algum recado para amigas minhas que vocês quisessem namorar, vocês poderiam dar um chega-para-lá nos meninos chatos que ficassem querendo me paquerar. E também naqueles meninos e meninas do colégio que ficam querendo conversar comigo só porque eu apareço nos comerciais da televisão.

Mas a gente não estuda, né?

Às vezes, a gente estuda. Na escola que eu vou, quando fico pensando, imagino que nós estamos na mesma classe. Todo mundo está numa classe só. E não tem prova. Não tem nota. E ninguém me enche porque eu apareço na TV. A gente só fica lá, ouvindo

coisas legais: que o homem vem de um tipo de macaco, que as baleias falam e cantam a distâncias enormes. E que em Tóquio, capital do Japão, onde já são quase seis e meia da manhã de amanhã, porque tem pouco espaço para tanta gente, tem um hotel para as pessoas passarem uma noite, onde os quartos são do tamanho de geladeiras deitadas no chão. E a pessoa dorme apertadinha. E tem TV, rádio e tudo o que elas precisam.

Eles economizam espaço. Vou economizar palavras.

Acho que eu vou escrever só mais umas trinta palavras.

Essa frase tem dez, então sobraram... perdi mais seis.

Agora mais três. Xi... não está sobrando quase nenhuma palavra.

Tchau.

*Isósceles Pallidos*

(assinatura não vale como palavra, tá?)

## Capítulo 2

**Isósceles Pallidos**

**Para:** Escaleno@famiapallidos.com.br;

Equilatero@famiapallidos.com.br;

**Assunto:** “Luís” ou “O que aconteceu com o bode”



Oi, irmãos. Tudo bem aí?

Eu não disse que ninguém ia ter mesada? É. E o papai já falou que ainda não sabe se vai dar a mesada do mês que vem. E nós não podemos reclamar. Ele não tem fábrica de dinheiro.

Olha: se vocês precisarem de algum dinheirinho, podem me pedir, tá? Eu sempre tenho um pouco sobrando.

Querem saber se eu achei chato não ter mesada? Eu nem liguei. Tenho tantas coisas para pensar que nem daria tempo de gastar.

Boas notícias: na semana passada eu consegui arrumar uma casa para o nosso filhote de bode. Eu estava lendo em um blogue uma reportagem sobre uma ONG que cuida de bichos. Eu já conhecia várias, claro, mas achei essa muito legal. A reportagem dizia que é um lugar que cuida para que ninguém faça mal aos bichos. Que legal, pensei. E continuei pensando: será que lá eles aceitam

bichos? Parece que, em vez de eu ler o blogue, ele é que leu meus pensamentos. Logo apareceu na reportagem uma parte que dizia que algumas pessoas dessa ONG trabalham exatamente com isso: dar um jeito para arrumar uma casa com dono, comida, banho e carinho para os cachorros, gatos e outros bichos da rua.

Aí eu pensei mais um pouco: será que entre os outros bichos da rua estão os bodes? Li um pouco mais para ver se o blogue ia responder, mas a reportagem acabou. Só apareceu o endereço e o telefone da ONG. Peguei o telefone e disquei. Atendeu uma voz de homem um pouco brava. Fiquei até com medo da voz. Depois eu pensei que, por telefone, nem a voz e nem o homem poderiam me fazer nada. Aí perguntei à voz se era da ONG que cuida dos bichos. Do outro lado, a voz **GRITOU** que não era. E que já tinham ligado umas vinte pessoas para a casa da voz, porque o blogue tinha dado o número errado.

Mesmo sabendo que a culpa não era minha, eu pedi desculpas e disse que, como as outras pessoas, eu tinha pegado o telefone no blogue e que só estava ligando para procurar uma casa com dono, comida, banho e carinho para um filhote de bode que eu tinha encontrado na minha rua.

Aí a voz também pediu desculpas. Disse que estava nervosa porque tinham ligado desde

cedinho. E que sábado era o único dia em que ela podia dormir até mais tarde. Eu falei que achava superchato alguém passar pelo que ela estava passando. E disse tchau. A voz pediu para eu esperar um pouco. E eu esperei. A voz já estava quase calma e disse que uma pessoa da ONG tinha acabado de ligar e tinha pedido para ela fazer o favor de dar o número para quem mais ligasse. Fui me enchendo de felicidade enquanto anotava o número certo do telefone. Nessa hora, eu queria ter um tipo de poder para alterar no blogue o número certo no lugar do errado. Para ninguém mais ligar incomodando aquela voz. E para todo mundo poder ajudar os bichos que estavam precisando de ajuda.

Já que eu não tinha o poder, pedi, com todo o cuidado, para a voz fazer o favor de dar o número certo para quem mais ligasse, porque os bichos não tinham culpa de o número ter saído errado. A voz deu uma risadinha e disse que ia atender o meu pedido. Aí nós desligamos. Nem bem desliguei, digitei o número que eu tinha anotado, apertei o send... e alguém já atendeu. Oba! As coisas pareciam estar melhorando. Era voz de mulher. Bem calma... igual à voz de alguém que passa muito tempo fazendo carinho no pelo de algum bicho, sabem? Era da ONG. Ufa! A voz era de uma pessoa que se chamava Rita, e ela logo quis saber se eu estava ligando por causa da reportagem no

blogue. Eu disse que sim e comecei a contar a história: que eu e meus irmãos, que moram no Rio, tínhamos encontrado na rua um filhote de bode, e que eu não poderia continuar cuidando dele. E se ela poderia me ajudar a conseguir uma casa para ele. Ela deu uma risadinha tranquila e perguntou como era o meu filhote de bode. Eu disse que ele era bem bonitinho. Que estava gordinho. E limpo. Aí eu respirei um pouco porque tinha falado muito depressa e continuei, dizendo que ele estava sendo criado com meus dois cachorros weimaraner e que já estava até pensando que era um filhote de cachorro. Que ele tinha até tentado latir. Ela disse que um filhote que convive muito tempo com bichos mais velhos de outra espécie acaba imitando as coisas que os mais velhos fazem. Aí eu perguntei se entre os “outros bichos” da reportagem estavam incluídos os filhotes de bode. Ela deu outra risadinha e disse que estavam incluídos todos os bichos. E perguntou meu nome. Parecia que ela estava gostando de mim, pelo menos da minha voz. Eu também já estava indo com a voz dela e disse meu nome completo: “Isósceles Pallidos”. Ela repetiu como se tivesse achado um pouco estranho. Aí eu contei a história de sempre: que o papai é matemático e que colocou em nós três nomes de triângulos. Eu contei a história com a maior vontade, como se fosse a primeira vez que eu contasse isso a alguém. Ela merecia.

A Rita disse que ela mesma tinha um sítio, onde o meu filhote de bode poderia viver tranquilo, pastar e conviver com outros iguais a ele, porque ela tem bodes. Três bodes.

Eu fiquei contente. Tão contente que comecei a suar. E as bolinhas de suor que saíam da minha testa subiam e flutuavam de felicidade. Eu nem conseguia prestar muita atenção no que ela estava dizendo, só ia ficando cada vez mais feliz. Foi preciso a Rita chamar pelo meu nome para eu prestar atenção na conversa de novo. Perguntei o que eu precisava fazer para ela levar o bode para o sítio. Ela perguntou se eu e alguém da minha casa não poderíamos levar o bode até a casa dela, porque naquela mesma tarde ela ia para o sítio.

Perguntei onde ela morava e disse que ia falar com a minha mãe e que, depois, ligaria de novo. Eu disse “Tchau, Rita, muito obrigada”. Ela disse “Tchau, Isósceles, eu espero você ligar”. Aí nós desligamos.

Comecei a sentir umacoceirinha nos olhos e fui falar com minha mãe. Ela ficou muito contente com a notícia. Liguei para a Rita de novo, e ficou tudo combinado para as onze e meia.

Aí eu percebi que aquelacoceirinha que eu estava sentindo era tristeza. E ela foi aumentando quando eu desliguei o telefone. O filhote de bode ia embora. Procurei no ar as bolinhas de felicidade, mas elas já tinham evaporado. Comecei a sentir

**Toni Brandão** nasceu na cidade de São Paulo, em 1960. É um dos poucos autores multimídia do Brasil, com projetos de êxito na literatura, no teatro, na televisão, no cinema e em mídias digitais. Seus livros abordam o comportamento do jovem urbano e comunicam-se com esse público de uma maneira clara, bem-humorada e reflexiva.

Além dos livros de sucesso, Toni é também autor de peças de teatro que lhe renderam prêmios, como Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e Mambembe. Atuou como articulista do jornal *Folha de S. Paulo*, no suplemento infantil *Folhinha*.

É autor de versões para jogos eletrônicos de clássicos da literatura brasileira; ficção para a internet, como novelas interativas para jovens, e é, ainda, coordenador de oficinas culturais para secretarias de Cultura e escolas do Brasil e do exterior.

**Carla Inusta** é meio brasileira, meio argentina. Divide seu tempo entre Curitiba e Barcelona, cidade que escolheu para viver depois de rodar muito por aí. Formada em Jornalismo, pouco a pouco trocou a caneta e o bloquinho pelas telas e pelos pincéis. Em 2004, decidiu que a ilustração era o único caminho que queria seguir. Foi então estudar na Espanha e aprendeu com os mais talentosos ilustradores espanhóis. Agora, é ilustradora por todas as 24 horas do dia, e a sua mesa de trabalho é o seu lugar preferido no mundo.





Isósceles vai se mudar para um apartamento novo com sua mãe.

Até aí, nada de muito ruim.

O problema é que a garota tem uma porção de bichos de estimação e vai precisar se separar deles. Além da tristeza, ela se sente muito sozinha longe de seus meios-irmãos, que moram em outro estado.

Por meio de e-mail, Isósceles conta tudo o que está acontecendo em sua vida aos irmãos e, enquanto escreve, acaba refletindo sobre seus sentimentos mais profundos.



ISBN: 978-85-66470-84-0



9 788566 470840

**edelbra**